

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

OS PORTUGUESES DE AYAMONTE EM 1882: CRIADAS, JORNALEIROS E PASTORES

Dentre os muitos arquivos municipais de vilas e cidades espanholas existentes ao longo da nossa fronteira, a maior parte das vezes inexplicavelmente esquecidos nos estudos portugueses, vimos hoje aqui lembrar o de Ayamonte.

O Archivo Municipal do Excmo Ayuntamiento de Ayamonte guarda, à semelhança dos seus congéneres raianos, como Valência de Alcantara, Verín ou Tuy, inúmera e valiosa documentação respeitante ao desenvolvimento histórico das regiões portuguesas limítrofes. A fronteira política entre os dois estados peninsulares é, reconhecidamente, a mais velha da Europa e talvez do Mundo e é-o como o limite entre dois países possuidores de um poder fortemente centralizado. O que hoje se lá passa, o que junto a essa linha se tem passado ao longo do tempo no que directamente se prende com as relações entre espaços confinantes, está em muito por estudar. Bastará lembrar as *cañadas* seiscentistas ou as migrações de trabalho ao longo do século XIX, para termos de repensar a impermeabilidade dessa fronteira que, localmente, terá muitas histórias para contar.

Foi ao trabalharmos no Archivo Municipal de Ayamonte ⁽¹⁾ e, compulsando numerosos documentos onde a presença de Portugal e dos

O presente trabalho só foi em grande parte possível, graças à concessão de uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian, que possibilitou a nossa investigação nos arquivos históricos de Ayamonte.

⁽¹⁾ Queríamos deixar aqui o nosso agradecimento aos arquivistas DRS. FRANCISCO JAVIER GARCÍA MORALES, MARCELINO RODRÍGUEZ NAVARRO e MANUEL ANDRÉS CARNACEA bem como a JUAN FERNANDEZ DE LA PEÑA por toda a atenção e auxílio que dispensaram ao nosso trabalho em Ayamonte. Elaborado pelos dois primeiros, sob a direcção da Dr.ª REMEDIOS REY DE LAS PEÑAS acaba de ser editado pela Diputación Provincial de Huelva o *Guía — Inventario — Índice del Archivo Municipal de Ayamonte (Huelva)*, (Huelva, 1985, 317 p.) referência indispensável para quem pretenda trabalhar naquele arquivo.

portugueses se encontra a cada passo, que deparámos com uma curiosa fonte estatística — os *Padrones de Habitantes* ou *Padrones de Vecindario* (2). Sucessores dos *recuentos de vecinos* dos séculos XVI-XVII, os *padrones* tornaram-se desde então elementos imprescindíveis na gestão dos municípios mas, legislação que se refira directamente a este tipo de estatísticas, só a encontramos seguramente com os primeiros textos constitucionais da monarquia espanhola. Na célebre Constituição de Cadiz, de 1812, a eles se faz alusão com vista às eleições nos *Ayuntamientos* e, desde então até ao primeiro censo geral da população, em 1857, diversas e numerosas serão as determinações emanadas sobre o tema (3), o que demonstra a sua desigual aplicação e cumprimento. O interesse, quer do poder central, quer dos poderes locais é evidente: por um lado os processos eleitorais (do alcaide ao deputado), por outro o sector financeiro (fiscalidade e contribuições). O arrolamento da população permite o seu controlo, daí tantas vezes os vizinhos serem menos do que na realidade são para não pagarem ao fisco ou, serem de mais, não existindo, para que a categoria do município seja superior à devida (4).

«En el año 1842, aparte una serie de órdenes o circulares sobre nuevos aspectos para la obtención de información numérica sobre aduanas, riqueza imponible y contribuyentes, producto de la renta de polvora y azufre y cabotaje, una Orden de la Regencia de 17 de septiembre manda formar los padrones de habitantes» (5). Dez anos depois, essa lei é reforçada pela «obligación de los Ayuntamientos en la formación de los Padrones municipales, estadística territorial y pecuaria» (6). Levará, no entanto quase meio século, para que a periodicidade quinquenal dos *padrones* se estabeleça por todo o território e, só em 1975 se consegue uniformizar o questionário geral (7). Os resultados destas estatísticas não

(2) Sobre o sentido do termo *Padrón*, comenta SANCHEZ LAFUENTE: «... las palabras empadronamiento y padrón, sobre todo en esta época [Idade Média], tienen un sentido especial: se empadronan a las personas en cierto servicio o pago, pecho, es decir, se le asignan ciertos servicios a cumplir o pagos a realizar, y los padrones se consideran como relaciones de obligaciones, con el rey o señor (...) Las 'personas son empadronadas en los servicios o monedas', es decir, son encartadas en las listas o relaciones del patronus, padrón, señor o rey. La antigüedad de la palabra padrón y empadronamiento esta relacionada con la antigüedad de las estadísticas españolas.» (*Historia de la estadística como ciencia en España (1500-1900)*, Madrid, INE, 1975, p. 22-23).

(3) I. SANCHEZ CASADO — *La estadística del estado en los periodos constitucionales*, Madrid, Movinter, 1983, p. 67 e 70.

(4) J. VINUESA ANGULO (cord.) — *El estudio de la población*, Madrid, Inst. Est. Adm. Local, 1982, p. 208.

(5) I. SANCHEZ CASADO. *op. cit.*, p. 83.

(6) *Ibid.*, p. 87.

(7) J. VINUESA ANGULO, *op. cit.*, p. 207, embora desde 1929, com a obra de A. TORIBO e J. JIMENEZ QUILEZ, *El padrón municipal de habi-*

são em princípio publicados mas podem consultar-se nos Ayuntamientos, onde se conservam as fichas de inscrição por famílias.

Foram pois, alguns dos antigos *Padrones de Vecindario* que encontramos no Archivo Municipal de Ayamonte e, dentre eles, o primeiro mais completo é o de 1882, onde família a família, rua a rua, os 7.383 habitantes de Ayamonte são minuciosamente registados⁽⁸⁾. Nome, sexo, naturalidade, data de nascimento, profissão, idade, residência, entre outros, são os dados fornecidos sobre cada municípe. Dados porém, de uma fonte oitocentista local, onde há que avançar com cuidado, criticando cada número que representa uma resposta muitas vezes vaga e pouco segura do inquirido, onde cada número representa uma anotação muitas vezes rápida e pouco cuidadosa do inquiridor. Os símbolos mais reproduzidos linha a linha são as *aspas* que, levadas à letra significariam que toda uma família era de pescadores (incluindo mãe e filhos de 3 e 4 anos) ou que os filhos menores de 20 anos vivem há cerca de 30 em Ayamonte, como os pais. Foi assim, cautelosamente que procurámos os portugueses.

A comunidade portuguesa radicada em Ayamonte em 1882 é, longe do que se poderia supor, diminuta. Compõe-se de 147 homens e 122 mulheres, 269 portugueses, que representam 3,6 % da população do município espanhol. Os portugueses são os únicos estrangeiros residentes com excepção de um súbdito austríaco⁽⁹⁾.

Dois factos parecem desde logo impor-se: a fronteira bem marcada como obstáculo na relação entre as comunidades portuguesa e espanhola, de um e outro lado do rio; a não existência de outros estrangeiros, num porto de escala dos navios (ingleses, franceses, nórdicos) que trazem do interior as pirites que se destinam aos grandes centros industriais europeus. Conviria porém, dissecar estas verdades primeiras. Uma comunidade portuguesa numerosa em Ayamonte seria sinal de fronteira permeável ou bem mais, desigualdade de situações políticas e, sobretudo económicas entre as duas margens? E, para além da quantidade de migrantes, não haveria que ponderar sobre as suas características?

As últimas décadas de oitocentos têm vivências semelhantes na área, para cada um dos países. A diferença é, antes de mais, entre o litoral e o interior. Só depois, a uma maior escala se impõe a dissimetria: a Serra Algarvia dum lado, os campos do Baixo Andevalo do outro.

tantes de España y su concordancia con el Registro de Población (Madrid, Ed. Torrent, 1929, 477 p.), que se pretendia um manual com vista a essa uniformização, um grande passo tenha sido dado.

⁽⁸⁾ Archivo Municipal de Ayamonte, Legajo 371, *Padrón de habitantes en el termino municipal de Ayamonte. Partido de Ayamonte. Provincia de Huelva. Año 1882.*

⁽⁹⁾ António Felis Massoni Spadoni de 41 anos, casado e comerciante, residente há mais de 20 anos em Ayamonte. Provavelmente um italiano nascido em território pertencente então ao Império Austro-Hungaro.

Os portugueses de Ayamonte são os que chegam do Norte (da serra e das povoações do rio) e para os quais o mercado de trabalho do litoral português se encontra em parte superlotado ⁽¹⁰⁾. O rio, mais que dividir, traz os que procuram trabalho, onde o há. Trabalho próximo e não especializado.

Quanto aos estrangeiros, em poucos locais se encontra uma exploração de tipo colonial como a das minas espanholas e portuguesas da bacia do baixo Guadiana. Os estrangeiros limitam-se aos pontos chave nos locais das minas ⁽¹¹⁾. Todo o processo está perfeitamente organizado e a intenção de desenvolvimento regional e local das áreas relacionadas com o fenómeno só existiu nos discursos das cortes oitocentistas.

A comunidade portuguesa não é uma comunidade excepcionalmente jovem, sobretudo se atendermos ao valor da esperança de vida. A idade média dos homens é de 32 anos, a das mulheres 33. A pirâmide de idades que construímos (Fig. 1) é sintomática do conjunto social em estudo. Os grupos etários mais representados são os dos migrantes activos: dos 15 aos 34 anos para as mulheres; dos 15 aos 44 para os homens ⁽¹²⁾. A base da pirâmide é estreita: os que têm poucos anos de permanência são os solteiros ou os casais que chegam com os filhos já crescidos. Nenhum elemento ultrapassa o escalão etário dos 70 aos 74 anos.

Há quem viva em Ayamonte há 60 anos, há quem tenha chegado há um mês. A média de permanência é de 14 anos mas as informações registadas não nos parecem seguras. Vieram há perto de 20 anos, 43 portugueses (16 %), há perto de 30 anos, 25 (9 %), há perto de 40, 14 (5 %); nos últimos 10 anos, 120 (45 %); há menos de um ano, 23 (9 %). A procura de trabalho no litoral aumentou progressivamente. O surto do início da década de 1860, ligamo-lo com o incremento da navegação no rio, com o início da exploração e exportação das pirites de S. Domingos. O elevado número de residentes há menos de um ano podemos enquadrá-lo, cautelosamente, dentro do trabalho sazonal ou temporário (as criadas, alguns dos jornaleiros), distinto porém, do que ocorre a uma mais larga escala para a pesca ou para as ceifas.

⁽¹⁰⁾ Do lado espanhol o mesmo sucede: os naturais de Sanlúcar de Guadiana — única povoação importante na margem espanhola para montante, até à confluência com o Chança — residentes em Ayamonte em 1882, são 5 homens e 22 mulheres, 12 das quais, criadas.

⁽¹¹⁾ No concelho de Mértola, em 1890, num total de 205 estrangeiros recenseados (118 homens e 97 mulheres): 172 são espanhóis, 32 ingleses e 1 francês. O já diminuto número de britânicos (que exploravam e exportavam o minério de S. Domingos) diminuirá dez anos depois para 12, no Censo de 1900. Em Vila Real de Santo António, encontramos 6, em 1890, certamente ligados à empresa mineira mas nem um único nos concelhos de Castro Marim ou Alcoutim.

⁽¹²⁾ Considerámos sem profissão os menores de 10 anos ainda que a fonte indicasse alguma actividade profissional, referência normalmente representada por aspas, sob a profissão do pai ou de irmãos mais velhos.

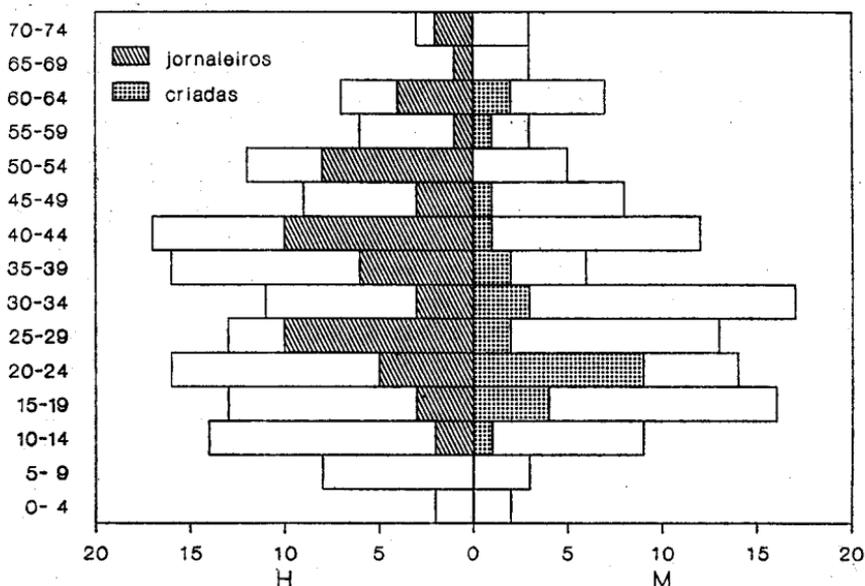


Fig. 1 — Portuguese residents in Ayamonte in 1882 (age structure)

Praticamente metade dos homens são casados. Há 7 viúvos. Viúvas são o dobro mas, entre as portuguesas que vivem em Ayamonte são mais as solteiras que as casadas, mas pouco mais (56 para 51). Há 18 casais de portugueses e mais portugueses casados com espanholas que o inverso. Mais fácil parece o jovem trabalhador emigrante casar na terra que o recebeu, que o espanhol ir buscar noiva do outro lado do rio ou casar com quem de seu pouco tem. O casamento é tardio, sobretudo para os homens: no escalão etário dos 25 aos 29 anos, mais de metade dos homens conservam-se solteiros.

A estrutura profissional é talvez a mais interessante informação que o *Padrón* fornece sobre a comunidade portuguesa. Começemos pelas mulheres. Há uma viúva de Castro Marim com 33 anos, residente há 20 em Ayamonte, estabelecida com comércio. Uma outra de Odeleite com 65 anos, residente há 40 e proprietária em La Parra, e uma professora, natural de Beja, casada com um influente cidadão espanhol de profissão liberal. Aproximadamente um quarto das portuguesas são porém criadas, a maioria com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos mas, também as há, com mais de 60 anos. 22 são solteiras, 4 viúvas. Não há uma única criada casada! 18 das 26 chegaram há menos de 3 anos, 5 nos últimos meses: o trabalho parece temporário. Chegaram de Castro Marim, de Odeleite, do Azinhal mas, também, de Loulé, de Tavira, de Alcoutim. Para a maioria das mulheres (76%), dá o *Padrón de Habitantes...* como profissão *su sexo*, o que em tradução livre para português não deixava dignificada a reputação das portuguesas e das ayamontinas em geral. Essa para nós

pitoresca expressão para dizer *doméstica* ou *dona de casa*, altera-se no *Padrón* seguinte, o de 1890, para *su casa*. Tratar da casa e dos filhos é pois a tarefa de três quartos das portuguesas radicadas em Ayamonte.

Vejamos agora a profissão dos homens. Ligados sobretudo aos trabalhos do campo, repartem-se entre jornaleiros (38 %), criados (21 %) e pastores (9,5 %). Os lavradores são 14 (9,5 %). Os sem profissão, os menores, representam igual percentagem. Os pescadores são 7 (5 %) e os homens de ofícios pouco mais: 1 ferreiro, 1 cordeleiro, 1 sapateiro, 1 pedreiro, 1 alfaiate e 3 barbeiros. Os jornaleiros (Fig. 1), com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos, são casados na sua maioria (37 dos 56) e residem há muito em Ayamonte. Curiosamente ou não, metade são naturais do Azinhal, aldeia da serra mas com fácil acesso ao Guadiana e a Vila Real. Os outros vêm de Castro Marim, de Almada do Ouro, de Odeleite, do Alamo, de Vila Real.

Os criados são, na sua maioria, rapazes que trabalham no campo mas ajudam também nas tarefas domésticas. Com idades compreendidas entre os 10 e os 24 anos (um terço têm menos de 14 anos), são solteiros e com residência recente em Ayamonte. Os locais de naturalidade dividem-se entre o Azinhal (13 dos 31) e Odeleite, 9. Dois chegaram de Alcoutim, 2 de Castro Marim, 1 de Tavira e outro de Almada do Ouro.

Os pescadores vêm dos portos do litoral: de Tavira, de Olhão, de Sines, de Faro, de Vila Real. Há um porém, de Loulé, e outro do Azinhal. Encontrámos recenseado um único hortelão, casado, de 33 anos de idade, natural de Odeleite e que reside em Huerta de Tuta.

O tempo de residência é um dado importante para as profissões ligadas aos trabalhos agrícolas por parte dos migrantes portugueses. Numa área de forte migração sazonal como é a do Sotavento Algarvio para a Andaluzia Ocidental — pescas no litoral, ceifas no interior — esta migração canalizada pelo Guadiana revela-se singular. A dimensão, as características, os percursos e as áreas atingidas daquelas são em tudo diferentes desta⁽¹³⁾. O fenómeno em estudo relaciona-se directamente com a escala a que ocorre...

A análise do *Padrón de Habitantes*... permite duas leituras de espaço. Uma primeira à escala regional que se debruça sobre a naturalidade dos

(13) CARMINDA CAVACO dá notícia, por exemplo, de um grupo de cerca de seis centenas de trabalhadores portugueses retornados das ceifas na Andaluzia Ocidental no início dos anos 60 do século passado («Migrações internacionais de trabalhadores do sotavento do Algarve», *Finisterra*, Lisboa, VI, 11, 1971, p. 42). Essas migrações sazonais que colectavam mão-de-obra de todo o leste da Serra Algarvia até Loulé, organizavam-se em ranchos que desciam ao Guadiana a passar nas barcas, dirigindo-se aos campos de Villa Branca ou Villanueva de los Castillejos para as ceifas mas, também, para a costa, para os campos de arroz e para a corta da palma e do esparto (*ibid.*). Sobre as migrações relacionadas com a pesca, de evolução e características mais complexas, ver o estudo que temos vindo a citar, p. 47, 53 e passim.

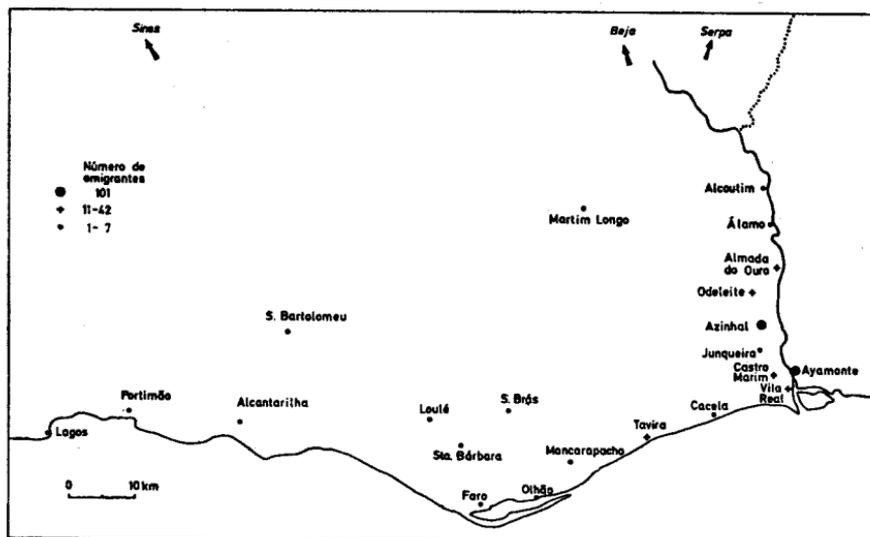


Fig. 2 — Naturalidade dos portugueses residentes em Ayamonte em 1882

migrantes e, uma segunda, à escala local, tendo por base a própria cidade e arredores sobre os locais de residência das diversas famílias.

Tentemos a primeira a partir do mapa da Fig. 2. Visualizam-se facilmente duas grandes linhas de convergência. Uma bastante forte e que une os portos fluviais do baixo Guadiana ou locais do interior próximos; uma outra, de pontos mais espaçados que percorre o litoral do Sotavento Algarvio, estendendo-se a Alcantarilha, a Portimão e a Lagos. O Barrocal e a Serra interior estão pouco representados mas a grande ausente é a área de Mértola. Aí, as minas, absorvem todos os braços disponíveis, atracção que se sente igualmente forte no concelho de Alcoutim. Mais longe, Sines, Beja e Serpa, fornecem isoladamente 1 migrante. A distância, as comunicações mas, sobretudo, as disparidades socio-económicas, unem-se neste exemplo para explicar as decisões de migrar⁽¹⁴⁾. A grande ruptura entre o interior e a costa de que havíamos falado já, é clara pela cartografia. O Guadiana, que havia levado a informação do mundo da costa, traz quem vem em busca do que não tem.

⁽¹⁴⁾ Os valores do balanço migratório nos concelhos de Alcoutim e Castro Marim entre 1878 e 1890 são de -776 e -1493, respectivamente. Estes valores diminuirão sensivelmente para o caso de Alcoutim, na década seguinte (-222) e, manter-se-ão, no caso de Castro Marim (-1472). O destino não é porém Vila Real, como demonstram os valores do mesmo índice para as mesmas datas: 1878/1890 = +569, 1890/1900 = +41. (CARMINDA CAVACO — *O Algarve Oriental, as vilas, o campo e o mar*, II, Faro, 1976, p. 392).

Como em qualquer comunidade de emigrantes há um núcleo de origem a que, maioritariamente, ela se encontra ligada: migrante que traz migrante, família que traz família (15). Neste caso o Azinhal. Aproximadamente dois quintos dos portugueses de Ayamonte são naturais do Azinhal: 68 homens e 33 mulheres, desproporção que recorda o que deixámos dito sobre os jornaleiros e os criados, sobre as tarefas que praticavam na terra de onde saíram e os trabalhos que os ocupam no local que os recebe. A comparação entre as pirâmides de idade elaboradas (Fig. 1 e 3), revela-se também sintomática, em especial, pela complementaridade das características dos escalões etários mais atingidos pela migração (16).

O segundo núcleo emissor é Castro Marim e, neste caso, é claramente a proximidade que joga. Castro Marim foi, desde a Idade Média a rival de Ayamonte, a posição portuguesa do outro lado do rio. A decadência veio com o assoreamento do seu porto e a criação de Vila Real de

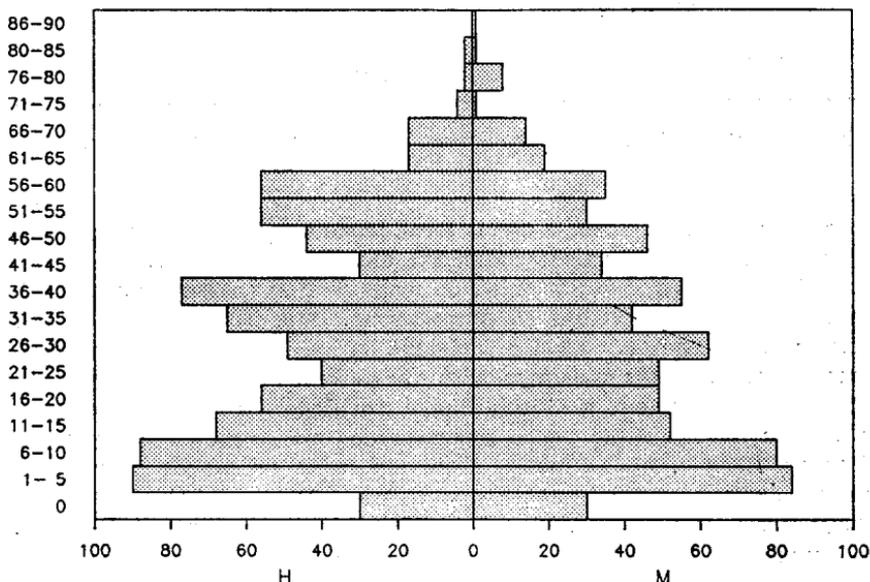


Fig. 3 — População da freguesia do Azinhal em 1878 (estrutura etária)

(15) Sobre fenómenos semelhantes relacionados com a emigração portuguesa para a Europa ocorrida nos anos 60 referiríamos, de ROSA MOREIRA DA SILVA — *Dois casos exemplificativos da emigração portuguesa: 1 — Os portugueses na área consular de Estrasburgo; 2 — O retorno dos emigrantes naturais das aldeias da Serra do Gerês* (no prelo).

(16) O Azinhal era também um forte núcleo emissor, nas migrações sazonais a média distância para a Andaluzia Ocidental. A contratação era feita através dos proprietários espanhóis que ao longo da segunda metade do século se foram fixando em Vila Real (CARMINDA CAVACO — *O Algarve Oriental, op. cit.*, II, p. 413).

Santo António no século XVIII. Vila agora pobre nos fins de oitocentos, a que só as salinas dão alguma vida, Castro Marim envia um contingente de migrantes para Ayamonte com ligeiramente mais mulheres, as criadas, de quem já falámos. Com Vila Real acontecerá o mesmo. Odeleite, terra de origem de 23 dos migrantes é, em tudo, semelhante ao caso do Azinhal e, em ponto menor os restantes núcleos, rio acima: Álamo, Almada do Ouro, Alcoutim. Do interior, de Loulé, de S. Bartolomeu, de Martim Longo, vieram criadas, um pedreiro, a mulher do barbeiro. Dos portos do litoral algarvio vieram os pescadores, criadas de Cacela, um barbeiro de Tavira, meninas casadoiras que portugueses e espanhóis por lá conheceram e que agora são donas de suas casas.

A repartição dos portugueses no centro urbano de Ayamonte e espaço envolvente não é menos interessante. A relação entre a actividade profissional e o local de residência é clara. Dois núcleos mais significativos a reter.

No centro da cidade, onde habitam os comerciantes e as famílias abastadas, concentram-se as criadas portuguesas. Na Plaza de la Constitución e nas calles Colón e Iberia, residem 19 das 26 que registámos. Nas *huertas* e ferragiais próximos, encontramos grande parte das famílias portuguesas mas, também, os jornaleiros, criados e pastores, que no conjunto totalizarão perto de dois terços do número global dos migrantes. No espaço periférico da cidade, Casa de Checa, Tenencia de D. Prasedes, La Parra ou Huerta de Franco, Barcia Redonda e Estacada são microtopónimos representativos desses núcleos de concentração de mão-de-obra agrícola. Mesmo na Isla Canela, limite extremo da margem esquerda do Guadiana, encontramos uma dúzia de portugueses ligados aos trabalhos do campo.

Finalmente, ao analisarmos com um tão grande pormenor a comunidade portuguesa ayamontina, não podemos deixar de pensar na sua homóloga — a espanhola, radicada em Vila Real de Santo António.

A comunidade espanhola em Vila Real era em tudo diferente, não pela sua dimensão mas pelas suas características. Oito anos depois do *Padrón de Habitantes* que temos vindo a estudar, aquando do III censo da população portuguesa, em 1890, o total de espanhóis recenseados no concelho de Vila Real é de 308, num total de 318 estrangeiros. O município contava então 8458 habitantes. A comunidade espanhola representa assim cerca de 3,6 % da população total, valor igual ao dos portugueses em Ayamonte em 1882. É sobretudo o comércio, mas também a indústria que atrai os espanhóis presentes em Vila Real (17). O migrante espanhol

(17) «... o seu movimento marítimo chamou desde logo à vila estivadores serrenhos e do Baixo Alentejo e agentes comerciais, alguns deles espanhóis, que se orientaram sobretudo para o comércio retalhista e a exportação para Espanha de peixe fresco, salgado e muxamas, e ainda de ovos, madeiras, cal, areia para vidro, etc. (*ibid.*, p. 405).

chega com algo de seu e isso permite-lhe uma atitude e uma situação que não é possível ao português. Do Andevalo, das povoações do interior da costa — Villanueva de los Castillejos, Almendro, Villa Blanca — parecem ter vindo as primeiras famílias, que rapidamente ganharam raízes e controlam importantes unidades daqueles sectores de actividade⁽¹⁸⁾. As primeiras fábricas de conservas de peixe estabelecidas na vila são de espanhóis e de italianos, bem como uma de têxteis de algodão cuja mão-de-obra é durante muito tempo maioritariamente espanhola⁽¹⁹⁾.

Em 1890, a comunidade é composta de 208 homens e 110 mulheres (desproporção ligada ao tipo de actividades predominantes) que, além de Vila Real, vivem também em Cacela. Ao longo do Guadiana para montante, diminui o número de espanhóis presentes, no Censo de 1890: no concelho de Castro Marim são 37 (32 homens e 5 mulheres) e no de Alcoutim 22 (11 homens e 11 mulheres). Os migrantes serão sobretudo gente do campo.

Com a revolução republicana em Portugal, as relações entre os dois estados tem um momento de forte tensão, que se vive particularmente junto às fronteiras. A importância da comunidade espanhola em Vila Real de Santo António não era pequena. A 16 de Outubro de 1910, o periódico de Faro, *O Algarve*, noticiava: «O governo hespanhol mandou para o rio Guadiana a canhoneira *Nunez Muñoz* para proteger os subditos hespanhóis residentes em Villa Real de Santo António»⁽²⁰⁾. Os portugueses em Ayamonte seriam então menos⁽²¹⁾ mas sempre gente pouco importante: criadas, jornaleiros, e pastores.

JOÃO CARLOS GARCIA

⁽¹⁸⁾ *Ibid.*, p. 408.

⁽¹⁹⁾ *Id.*, *Migrações...*, *op. cit.*, p. 59 e *O Algarve Oriental...*, *op. cit.*, II, p. 406.

⁽²⁰⁾ Ano 3.º, n.º 134, 16.10.1910, p. 2.

⁽²¹⁾ Em resposta a um inquérito levado a efeito pela Sociedade de Geografia de Lisboa em 1911 sobre as colónias portuguesas em países estrangeiros, contabiliza o representante diplomático português: «Nesta localidade [Ayamonte] e arredores existem os seguintes portugueses: 198 trabalhadores do campo; 67 serventes; 4 empregados do comércio; 1 comerciante; 2 proprietários e 26 empregados em diversas profissões.» («Colónias portuguesas em países estrangeiros», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 30.º sér., 3, Março de 1912, p. 151).